

**sinopse** Há 12 anos, Robert Ledgard (Antonio Banderas), um cirurgião plástico reconhecido pelas suas investigações em terapia celular, perdeu a mulher num terrível acidente de viação que lhe causou queimaduras e lhe desfigurou o rosto. Desde então, vive em clausura na sua mansão, obcecado com a sua nova descoberta: uma pele artificial que, apesar de sensível ao tacto, não sente dor e é quase indestrutível. Porém, o avanço da pesquisa presume encontrar uma vítima que se possa transformar numa cobaia humana. Para isso, o Dr. Ledgard decide ultrapassar todos os conceitos éticos ou deontológicos, tornando uma jovem sua prisioneira.

A mais recente obra de Pedro Almodóvar retrata a obsessão, a vingança e a capacidade de sobrevivência. O argumento baseia-se na novela de terror "Mygale", escrita em 1995, pelo francês Thierry Jonquet.

#### **ficha técnica**

Título original: La Piel Que Habito (Espanha / EUA, 2011, 120 min.)

Realização e argumento: Pedro Almodóvar

Interpretação: Antonio Banderas, Elena Anaya, Marisa Paredes, Jan Cornet

Produção: Agustín Almodóvar, Esther García

Musica: Alberto Iglesias

Fotografia: José Luis Alcaine

Montagem: José Salcedo

Estreia: 16 de Novembro de 2011

Distribuição: Prisvideo

Classificação: M/16

Página Oficial: <http://www.sonyclassics.com/theskinilivein/>



#### **Almodóvar chegou à casa do terror**

*Tiago Alves, Cinemax*

O realizador espanhol experimenta um novo género abordando de forma atual o tema clássico da relação entre criador e criatura, monstro e bela...

Pedro Almodóvar aborda o tema atual da manipulação genética através de um thriller de terror contemporâneo, marcado pelos sentimentos dominantes e mais intensos na sua obra: paixão, desejo e vingança.

A história de "A Pele Onde Eu Vivo" é protagonizada por um cirurgião brilhante e demente dos nossos tempos. Robert Ledgard (Antonio Banderas) perdeu a mulher com queimaduras extremas num acidente de automóvel e desde então decidiu toda a sua carreira a criar uma pele capaz de resistir ao mais brutal dos golpes e de reagir à mais suave das carícias.

A experiência genética é desenvolvida no corpo de Vera (Elena Anaya), a sua cobaia, uma mulher que ele mantém em cativeiro. Mas não se trata de uma refém qualquer. Vera é tratada com toda a delicadeza e vive num ambiente confortável. Ela torna-se no objeto do desejo perverso de Robert e entra nesse jogo de sedução para ganhar confiança na expectativa de conseguir ludibriá-lo e escapar.

Os incondicionais de Almodóvar ficarão surpreendidos com esta nova abordagem da transmutação do corpo e do género, um tema central em vários filmes do cineasta. "A Pele Onde Eu Vivo" ergue-se como uma variação contemporânea do drama de Frankenstein e explora, de forma hábil, a relação entre criador e criatura.

É um filme híbrido onde o melodrama com lantejoulas típico de Almodóvar é refreado pela pulsão ambiental do thriller.

O cineasta espanhol trabalha bem os elementos inexplicáveis que povoam os filmes de terror, nomeadamente os clássicos, com cientistas loucos, corpos esventrados e motivações sombrias. Mas o formalismo do género retira emoção ao cinema de Almodóvar e ligeireza ao processo de articular os vários factos.



Não sendo um filme brilhante é distinto e muito interessante para Antonio Banderas que reencontra o realizador vinte anos depois de terem filmado "Ata-me". Banderas tem um papel frio e intenso, o oposto das personagens simpáticas que tem feito em Hollywood. Como o próprio admitiu (ver a propósito a entrevista em video anexado) é um registo interessante que o leva para outro terreno no momento em que entrou numa fase diferente da sua carreira, ao completar 50 anos.

## Psicopata espanhol

Jorge Mourinha, Público de 17 de Novembro de 2011

**O “novo Almodóvar” não é o “Almodóvar do costume”; antes um exercício formalista ao qual falta a personalidade que nos habituámos a esperar do cineasta. E isso é bom e mau**

É “o novo Almodóvar” como se fala hoje do “novo Spielberg” ou do “novo Moretti”, ou se falou em tempos do “novo Chabrol” ou do “novo Truffaut” - e não há muitos cineastas europeus contemporâneos de quem se possa dizer que têm uma marca reconhecida pelo grande público. O problema é que a “marca Almodóvar” já implica expectativas de um determinado tipo de filme, cristalizado por um lado nos delírios garridos da fase “Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos”, “Ata-me” e por outro na improvável sequência de obras-primas “Tudo Sobre a Minha Mãe”/“Fala com Ela”/“Má Educação”. Ora, o “cineasta Almodóvar” está claramente a querer fugir do “colete de forças” em que se deixou encerrar: é isso que explica “A Pele Onde Eu Vivo”, obra malsã e formalista que faz a “ponte” entre o seu cinema mais subversivo dos anos 1980 e o requinte classicista que o tornou num superior autor de melodramas modernos.

Este é um filme simultaneamente notável e falhado, exercício de estilo grandiosamente vão que sintetiza toda a carreira de Almodóvar; não se sente o “piloto automático” dos anteriores “Voltar” e “Abraços Desfeitos”, antes um desafio que o cineasta colocou a si próprio - levar aos limites do desconfortável as convenções do cinema de género sem nunca trair o estilo sedutor e elegante que tem vindo a aperfeiçoar. Trata-se, no fundo, de uma história gótica, policial paredes-meias com o filme de terror, sobre a relação mista de ódio e desejo entre uma misteriosa cativa e o cirurgião recluso que a mantém prisioneira, que viremos a descobrir ser o resultado de uma vingança Frankensteiniana.

A presença de um inquietante Antonio Banderas no papel principal remete inevitavelmente para os seus primeiros filmes e sobretudo para “Matador”, obra que, no seu jogo de pulsões entre a morte e o desejo, entre o crime e o amor, antecipava “A Pele Onde Eu Vivo” de 25 anos. E, tal como então, Almodóvar não está aqui grandemente preocupado se o público o seguirá ou não - apesar de estar claramente inscrito na sua obra e nas suas temáticas habituais, este não é um filme “de carreira”, antes uma espécie de “linha na areia” para lá da qual nem todos o seguirão. Isso é bom: somado ao requinte quase sem esforço com que o realizador tece uma elegantíssima teia de sedução cinéfila, evocando Hitchcock e Cronenberg a par das belas-artes (de Louise Bourgeois a Gustave Courbet) e brincando habilmente com as referências aos seus próprios filmes, sugere-nos aqui um cineasta livre e suficientemente confiante para experimentar a seu bel prazer.

Mas esse formalismo sedutor acaba por também por criar um esquizofrénico efeito de ostentação que, paradoxalmente, anula toda e qualquer emoção. O cinema de Almodóvar ganhou-se sempre no histrionismo hispânico que injectava uma personalidade nas convenções de género; aqui, essa identidade (que está no próprio centro da trama) dilui-se e afoga-se no formalismo fascinado do corpo mutante, como se o dr. Ledgard de Banderas fosse um alter ego de Almodóvar, tornando “A Pele Onde Eu Vivo” num filme admiravelmente gélido, glacial, mordido por um vampiro que lhe tivesse sugado todo o sangue. O que daqui resulta é inevitavelmente espantoso: um filme-súmula onde Almodóvar colocou tudo o que o fascina - à excepção da alma que o tornaria de objecto-“puzzle” em obra-prima para juntar aos seus clássicos. O “novo Almodóvar” não é o “Almodóvar do costume”, e ainda bem, mas se há grande cinema em “A Pele Onde Eu Vivo”, isso por uma vez não chega para fazer um grande filme.